

## Uso da Internet como estratégia de preservação da Literatura de Cordel.

Tamires Monique Galdino da Silva<sup>1</sup>

Luiz Alberto da Costa Mariz<sup>2</sup>

Resumo: O presente texto pretende, através de uma revisão bibliográfica, analisar o uso da Internet como estratégia dos cordelistas para preservar e divulgar a literatura de cordel. Após a introdução, é feita uma revisão de alguns conceitos básicos da sociologia de Pierre Bourdieu que é usada para explicar esta estratégia como uma tomada de posição de alguns cordelistas. Em seguida, é feito um breve levantamento da história do cordel até os dias atuais, concluindo com a análise da utilização da Internet, nesta literatura que está passando por transformações e encontrou no mundo virtual uma maneira de se adaptar aos novos tempos.

### 1. Introdução

A cultura sempre desempenhou importante papel ao longo da história de Pernambuco. Recentemente passou a ser valorizada também como uma atividade regular, inclusive como fonte de emprego. O Estado, nas instâncias federal, estadual ou municipal, vem desenvolvendo políticas públicas com o objetivo de fomentar as variadas atividades culturais. A sociedade como um todo, representada pelas associações culturais, universidades, mídia, sindicatos, empresas especializadas ou não em alguma atividade cultural também participam desse movimento de valorização das atividades culturais.

Nesse contexto, o advento da Internet ampliou as possibilidades de produção, armazenamento, processo e circulação de informações culturais de formatos e modulações diversas. A cultura popular, representada nesse artigo pela literatura de cordel, começa a fazer usos dessas ferramentas para não perder o fio da meada, conforme o Compadre Lemos (2006), afirma em seu cordel: *Novos tempos o cordel na Internet*

*(...) pois o leitor pode ver  
Que o mundo ta diferente  
Nos tempo de antigamente  
O recurso era minguido*

<sup>1</sup> Bolsista de iniciação científica da UFPE. E-mail: tamiresmonique@hotmail.com

<sup>2</sup> Professor Adjunto da UFPE. E-mail: l.a.mariz@uol.com.br



*A tal tecnologia  
Que tanto nos auxilia  
Ainda não tinha chegado  
(...)  
Pois hoje o mundo ta cheio  
De Ciência e de progresso  
Todo mundo tem acesso  
para se comunicar  
Nem precisa ser doutor  
Pois o tal computador chegou  
Para facilitar*

Em Pernambuco (e em outros Estados do nordeste) a literatura de cordel se destaca como símbolo de identidade cultural contribuindo para o enriquecimento da história, dança música, arte e outras manifestações da cultura nordestina (SILVA e SOUZA 2006).

Trazida pelos portugueses no século XVII, a literatura de cordel constituía um importante meio de entretenimento e de comunicação no nordeste brasileiro tendo alcançado seu apogeu entre as décadas de 30 e 50 do século XX (CAVALCANTI, 2007).

Nas décadas seguintes o consumo da literatura de cordel sofre um grande impacto tanto pelo aumento dos custos de sua produção gráfica, considerando a alta inflação vivenciada pelo sistema econômico da época, mas, e principalmente pela popularização dos televisores, que assumia, desde então o papel de principal meio de comunicação (CURRAN, 1991).

Nesse contexto o cordel passa por muitas transformações, surgem novos escritores, leitores e principalmente houve uma necessidade de se adaptar as novas mídias que surgiram. O folheto passa a ser feito também no formato virtual e as ferramentas da Internet passam a ser amplamente utilizadas como meio de divulgação desta literatura. (DINIZ, 2007)

O papel desempenhado pela literatura de cordel na cultura nordestina pode ser estudado, na perspectiva de Pierre Bourdieu, como um microcosmo dentro de um campo ou subcampo cultural importante que é o campo editorial.

O campo editorial abrange as funções de criação, produção, preparação, circulação e fruição, indo desde o autor até o leitor. O campo editorial tradicional vem passando por profundas mudanças ou ameaça de mudanças em todo o mundo, como a do surgimento do livro eletrônico, que alguns comparam com a revolução iniciada por Gutenberg.

O conjunto dos agentes atuantes na Cultura em Pernambuco constitui um campo social. Este ensaio teórico adota como princípio que: os campos são constituídos através de uma construção social, são abertos às influências dos múltiplos ambientes institucionais em que se inserem; seus agentes não estão totalmente submetidos a um determinismo estrutural, mas também não podem ser considerados elementos “atomizados” em competição “selvagem” com os demais.

Essa concepção tem afinidade com o pensamento do sociólogo Pierre Bourdieu que não concorda, por um lado, com o *“racionalismo estreito” que só admite como racional a ação engendrada por um “indivíduo autônomo, plenamente consciente de suas motivações”*, nem com um *estruturalismo que reduz os agentes a “simples epifenômenos da estrutura”* (BOURDIEU, 1996, p. 10).

Um dos principais pilares da sociologia de Bourdieu é a sua filosofia da ação fundada nos conceitos de *habitus*, campo e capital (BOURDIEU, 1996). O campo existe como um espaço social em que indivíduos e grupos ocupam suas posições de acordo com a quantidade de capital (econômico, cultural, político etc) que detêm. Assim, as posições variadas ocupadas pelos agentes no campo condicionam as predisposições (*habitus*) que, por sua vez, condicionam (mas não determinam de modo absoluto) as tomadas de posição, ou seja, as “escolhas” que os agentes fazem na prática.

Segundo Misoczky (2003, P. 157), as contribuições de Bourdieu abrem caminho para o estudo, entre outros, da história do campo como uma “luta entre concorrentes no interior do mesmo” ou o das *“estratégias adotadas [pelos] agentes que compõem o campo e nele têm interesses em disputa, mobilizando tipos de capital (recursos de poder) nesta disputa”*.

Com essa base teórica, esse ensaio teórico tem como objetivo analisar o uso da Internet como estratégia de promoção da literatura de cordel, apresentando em um primeiro momento, os pressupostos de Bourdieu com relação a campos, na seqüência, explicita-se a literatura de cordel, assim como sua presença no campo virtual, encerrando com análise sobre o uso dessa ferramenta como divulgação desse tipo de literatura.

## **2. Noções sobre Campos, Posições, Disposições e Tomadas de Posição**

Os campos são espaços de lutas (jogos) e de conflitos, no qual os agentes estão posicionados, fazem investimentos e tomam posições com a finalidade de obter recompensas, que é a acumulação de capitais que lhes confirmam poder para dominar nos campos em que estão localizados. (BOURDIEU, 2002). Os campos possuem regras

próprias de funcionamento que os diferem dos demais, são relativamente autônomos e valorizam capitais específicos.

Os capitais são propriedades que conferem poder e ganhos aos seus detentores. Eles podem existir na forma de propriedades materiais, por exemplo, capital econômico, ou na forma incorporada, por exemplo, capital simbólico. (BOURDIEU, 2001). São responsáveis pela distribuição dos agentes nos campos sociais. Muitos são os tipos de capitais, os principais são: o econômico, o cultural, o social e o simbólico.

O capital econômico assume a forma de riquezas (renda, bens materiais e patrimônios), o capital cultural se refere aos títulos escolares e as qualificações intelectuais transmitidas pelas famílias, o capital social diz respeito as relações sociais do indivíduo com o grupo social, o capital simbólico é o confere prestígio, honra e reconhecimento a seus detentores (BONNEWITZ, 2003).

As posições se referem ao lugar ocupado pelos agentes no espaço social. Nos países avançados, os capitais que mais são usados para servir como determinantes nas posições ocupadas pelos atores são o capital econômico e o cultural.

A essas posições são associadas certas disposições (*habitus*) que são conjuntos de valores, crenças, hábitos, práticas, etc. São predisposições que um agente possui por ocupar determinada posição no espaço social e também pelas relações que ele tem no campo. Essas disposições são estruturas estruturantes, o que significa dizer que elas tendem a se reproduzir e manter-se sem que os agentes percebam (BOURDIEU, 1996)

O fato de atores possuírem *habitus* não significa que eles terão os mesmos comportamentos e as mesmas práticas. Conforme Bourdieu citado por Bonnewitz (2003, p.90)

*O habitus não é o destino que às vezes acreditou-se ser. Como produto da história, é um sistema de disposição aberto, que está incessantemente diante de experiências novas e, logo, incessantemente afetado por elas. É durável, mas não imutável. Dito isso, devo acrescentar imediatamente que a maioria das pessoas está estatisticamente destinada a encontrar circunstâncias afinadas com aquelas que modelaram originariamente o seu habitus e, por conseguinte, ter experiências que virão reforçar suas disposições.*

O habitus é a mediação entre as práticas dos agentes e os campos em que estão inseridos. Ele é responsável pelos diferentes estilos de vidas dos atores (seus gostos alimentares, musicais, culturais, opiniões políticas, etc.).

Conforme explica Bourdieu (2004, p.28-29), os agentes

*(...) têm disposições adquiridas (...) habitus, isto é, maneiras de ser permanentes, duráveis que podem, em particular, levá-los a resistir, a opor-se às forças do campo. Aqueles que adquirem, longe*

*do campo em que se inscrevem, as disposições que não são aquelas que nesse campo exige, arriscam-se, por exemplo, a estar sempre defasados, deslocados, mal colocados, mal em sua própria pele, na contramão e na hora errada, com todas as conseqüências que se possa imaginar. Mas eles podem também lutar com as forças do campo, resistir-lhes e, em vez de submeter suas disposições às estruturas, tentar modificar as estruturas em razão de suas disposições, para conformá-las às suas disposições.*

As posições ocupadas e os *habitus* que os agentes do campo possuem influenciam em suas respectivas tomadas de posição que são as ações tomadas por eles no campo. Os atores que possuem posições e *habitus* semelhantes têm tendências a agirem semelhantemente

Os agentes podem agir de modo a conservar ou modificar o funcionamento dos campos. As estratégias de conservação ou transformações das regras dos campos dependem da posição dos agentes, do volume e da estrutura dos capitais que possuem (BONNEWITZ, 2003).

### **3. Literatura de cordel**

A literatura de cordel é uma literatura dita popular, impressa em papel barato, na forma de prosa (pouco comum) ou poesia. Os temas abordados são diversos, indo do tradicional ao contemporâneo.

Não há consenso em relação às origens da desta literatura. Acredita-se que ela tenha surgido na Península Ibérica.

Na Espanha o cordel é conhecido por *Pliegos Suelos* e em Portugal por *Folhas Volantes*, o termo literatura de cordel se refere ao modo pelo qual os folhetos eram expostos a venda, pendurados em cordões nas feiras. No Brasil este termo passou a ser empregado por pesquisadores nos anos de 1970 e passou a denominar a literatura que era conhecida anteriormente por nomes como arrecifes, folhetos de feira, abecês, entre outros.

Os cordéis portugueses também eram conhecidos como literatura de cego, devido a uma lei promulgada em 1879 por Dom João V na qual se estabelecia que a comercialização desta literatura fosse exclusiva da Irmandade do Menino Jesus dos Cegos de Lisboa.

O paraibano Leandro Gomes de Barros (1865-19180) grande nome da literatura de cordel é considerado o primeiro escritor a imprimir cordéis sistematicamente. Seu primeiro cordel teria sido escrito em 1893, ano em que as tipografias passaram a se multiplicar em todo o país. Cavalcanti (2007, p.21) afirmar o escritor “*passou a viver*

*exclusivamente da produção e venda dos folhetos, tornando-se ao mesmo tempo autor, editor e proprietário.”*

Entre 1930 e 1950, as rodas de leitura de cordéis eram um meio de diversão para os nordestinos. As leituras em grupos faziam com que os indivíduos que possuíam pouco ou nenhum grau de instrução (alfabetização) tivessem um maior contato com a cultura escrita (GALVÃO, 2002).

O cordel enfrentou muitas dificuldades nos anos de 1970 e 1980, devido a alta da inflação que encareceu a comercialização dos folhetos. O país foi se modernizando com a melhoria das estradas e dos meios de transportes e a popularização dos televisores. Estes fatos acabaram tornando a venda dos cordéis mais difíceis. (CURRAN, 1991)

Surgiram escritores de cordéis urbanos que como os rurais são humildes e geralmente vivem de outro emprego, escrevendo os folhetos quando podem. Os intelectuais também passaram a escrever o cordel e muitos professores do ensino fundamental estão usando a literatura de cordel para lecionar (CURRAN, 1991).

O público tradicional foi se afastando e um novo começou a surgir: os intelectuais, artistas, turistas e estudantes de classe média. O cordel teve que se modernizar, porém os temas tradicionais continuaram a ser explorados (CURRAN, 1991).

A modernização desse tipo de literatura foi buscar nas ferramentas da Internet uma forma de continuar a divulgação de seus escritos, assim como não deixar que se percam suas raízes, contando suas histórias, através de sites, blogs e artigos acadêmicos com foco no estudo das culturas populares.

#### **4. Literatura de cordel no ambiente virtual**

A literatura de cordel é um microcosmo do campo literário que por sua vez é um subcampo do campo artístico também chamado de campo da produção cultural.

Novos agentes entraram no campo da literatura de cordel (autores e leitores). De início, quando se falava em escritores de cordéis, se imaginava sertanejos pobres, analfabetos ou com pouca instrução. Nos dias atuais, esta não é mais a imagem que se têm dos cordelistas. Em seu *blog*, o escritor pernambucano Homero Fonseca (2010) afirma que “(...)o cordel mudou drasticamente nesses anos. Mudou o perfil dos poetas e dos consumidores, mudou a temática dos versos e mudou a visão que a atividade tinha de si mesma ou merecia do ambiente exterior.”

O autor também lembra que

*(...) o cordel deixou de ser o principal veículo de informação e entretenimento das massas rurais, onde também diminuiu consideravelmente o índice de analfabetismo nesses anos todos. Mas quando se pensava que a literatura popular em versos feneceria, eis que, a partir da década de 80, ela ressurgiu com toda a força, agora dirigida a um público diferente, geralmente cidadãos urbanos com ascendência rural tomados de nostalgia, pesquisadores e estudantes universitários brasileiros e estrangeiros*

Em 2000, surgiu na cidade de Juazeiro do Norte a Sociedade dos Cordelistas Mauditos, grupo formado por poetas, cantores, xilógrafos e atores, que tem por objetivo modernizar a literatura de cordel, seja do ponto de vista da escrita, seja na abordagem de temas da atualidade (OLIVEIRA, 2003)

Estes agentes estão posicionados num espaço social, no qual detêm e disputam capitais específicos e tomam posições no campo literário.

Uma estratégia (tomada de posição) dos cordelistas que pode ser observada atualmente no microcosmo da literatura de cordel é o uso de instrumentos da Internet tais como: *blogs*, *sites*, redes sociais, fóruns de discussões e *e-mail*, na divulgação de seus folhetos.

A Internet surge como alternativa para que os folhetos sobrevivam no mundo contemporâneo, uma vez que ela permite maior interação entre um grande número de pessoas dos mais diversos lugares. Principalmente entre os jovens que já tem o uso desse instrumento como hábito integrante de seus *habitus*.

Em 2006 aconteceu a 1ª FESTVERSO, um concurso de poesia de cordel na internet que ocorreu na comunidade Arena Virtual do Orkut.

No site<sup>3</sup> do evento seu objetivo é definido como o de

*fortalecer a ação do Cantador-Repentista e do Poeta de Cordel, no universo da Web, ampliando seu raio de ação e divulgando sua poesia, através desse poderoso mecanismo de interação global. Sua existência é de grande importância para a preservação e a manutenção desta arte secular do Brasil, pois possibilita a livre participação de poetas de todo o território nacional, bem como daqueles que vivem no Exterior.*

Percebe-se que a intenção do evento é pôr os cordelistas em maior contato com o universo virtual, como forma de preservação, divulgação e também ampliação desta literatura.

Muitos são os blogs e sites dedicados a promoção desta literatura. Neles há uma maior interação entre os poetas e seu público, este último pode deixar temas e motes para a criação de cordel.

---

<sup>3</sup> <http://festverso.vilabol.uol.com.br/>

Em um site dedicado a divulgação de cordelistas nordestinos, encontramos um cordel de Walter Medeiros [19\_ \_?] e retiramos alguns trechos a seguir que fala sobre como o cordel de feira foi parar na Internet. A pejeja do Cordel de Feira com a Internet

*Vou lhe contar, cidadão,  
Uma história bem brejeira  
Que começou numa feira  
Pelas bandas do sertão  
E de forma bem ligeira  
Chegou à terra inteira  
Causando admiração*

*Severino Rio Grande  
Fazia muito cordel  
Falava até de bordel  
Assim a arte se expande  
De soldado, coronel,  
Matuto, arranha-céu,  
Falava até de Gandhi.*

*(...)*

*Os anos foram passando  
o tempo não vai pra trás  
e aquele nosso rapaz  
ia se adaptando  
a tudo que a vida traz  
nada nunca é demais  
e foi se modernizando.*

*Nem mesmo questionou  
A nova moda lançada  
E de forma enviesada  
Seus cordéis lá colocou  
Foi uma festa danada  
A homepage lançada  
Que ao mundo lhe levou*

*Pois agora na internet  
O cordel vai mais distante  
Basta somente um instante  
E a história se repete  
São Gonçalo do Amarante  
Paris, Itu, num berrante  
Todo mundo se derrete  
(...)*

Com este cordel podemos perceber que o uso da Internet foi uma forma que o poeta encontrou para se atualizar aos novos tempos.

Uma questão que poderia ser levantada é se o uso da Internet colocaria em risco a existência do cordel tradicional que é aquele vendido em feiras. Em seu artigo DINIZ (2007) indica que o cordel virtual não é uma ameaça ao folheto impresso, pois ele

revitaliza e confere acesso de forma irrestrita a este gênero literário e que não é possível prever se o cordel de papel acabará.

## 5. Considerações Finais

A literatura de cordel está passando por um momento de mudança e renovação, tanto no que diz respeito aos temas abordados, quanto em relação ao público leitor. A internet surge como forma de conservação e promoção desta literatura, se transformando assim numa importante tomada de posição dos cordelistas neste microcosmo literário.

## 6. Referências

- BONNEWITZ, Patrice. **Primeiras lições sobre a sociologia de P. Bourdieu**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003
- BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Campinas, SP: Papirus, 1996.
- \_\_\_\_\_. **O poder simbólico**. 4 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Pierre Bourdieu entrevistado por Maria Andréa Loyola**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002.
- \_\_\_\_\_. **Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico**. São Paulo: UNESP, 2004.
- CAVALCANTI, Carlos Alberto de Assis. **A atualidade da Literatura de Cordel**. Recife, 2007. 174 folhas. Dissertação (mestrado)-Universidade Federal de Pernambuco. CAC. Letras, Recife 2007
- CURRAN, J. Mark. A Literatura de Cordel: Antes e Agora. **Hispania**. [S.L.] v.74, n.3, p.570-576, sep. 1991
- DINIZ, Madson Góis. Do folheto de cordel para o cordel virtual: interfaces hipertextuais da cultura popular. **Hipertextus Revista Digital**, [S.L.] v.1, 2007. Disponível em: < <http://www.hipertextus.net/volume1.html> > Acesso em: 10/11/2010, 14h03min
- FONSECA, Homero. **O cordel não é mais aquele**. [S.L], 2010. Disponível em: <http://www.interblogs.com.br/homerofonseca/post.kmf?cod=9877764&total=236&indice=10> . Acesso em: 09/02/2011
- GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. ORALIDADE, MEMÓRIA E A MEDIAÇÃO DO OUTRO: PRÁTICAS DE LETRAMENTO ENTRE SUJEITOS COM BAIXOS NÍVEIS DE ESCOLARIZAÇÃO – O CASO DO CORDEL (1930-1950). **EDUCAÇÃO & SOCIEDADE**. Campinas, v.23, n.81, dec. 2002. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>> Acesso em: 29/10/2010, 14h38min
- LEMOS, Compadre. **Novos tempos: o cordel na Internet**. Juiz de Fora, 2006. Disponível em: <<http://www.compadrelemos.com>>. Acesso em: 15/04/2011.
- MEDEIROS, Walter. **A peleja do Cordel de Feira com a Internet**. [S.l.], [19\_\_?] Disponível em: < <http://www.rnsites.com.br/cordeis-internet.htm> > Acesso em: 12/04/2010.
- MISOCZKY, M. C. Poder e institucionalismo: uma reflexão crítica sobre as possibilidades de interação paradigmática. In: VIEIRA, M. M. F., CARVALHO, C. A. (org.). **Organizações, Instituições e Poder no Brasil**. Rio de Janeiro: FGV, 2003.
- OLIVEIRA, M. J. Benditos Sejam: Uma nova maneira de perceber a Literatura de

Cordel. In. Intercom 2003- XXI Congresso brasileiro de Ciências da Comunicação. 2003, Belo Horizonte. *Anais...* Intercom, 2003

SILVA, Fernanda Isis C. da. SOUZA, Edivanio Duarte de. INFORMAÇÃO E FORMAÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL: o acesso à informação na literatura de cordel. **Informação & Sociedade: Estudos**. João Pessoa, v.16, n.1, p.215-222, jan./jun. 2006. Disponível em: < <http://www.ies.ufpb.br/ojs2/index.php/ies>> Acesso em: 09/04/2011